

OCA

Residência Artística
Internacional
2018

 CALIBAN

EDITORA

UnB

Roberto Fernández Retamar, intelectual cubano, autor do ensaio Caliban, conta-nos que, uma certa vez, em conversa com um jovem jornalista europeu, teria sido indagado se existiria uma cultura latino-americana. "Ora", diz Retamar, "perguntar sobre a existência de uma cultura latino-americana é, afinal, o mesmo que perguntar sobre nossa existência! Retamar, então, é impelido a redarguir o jovem periodista, perguntando: "e vocês, existem?".

O problema, como já se pode ver, tem mil nuances e a resposta, certamente, não é das mais simples. Mas, diante da paradoxal questão, o que parece ser buscado não é simplesmente uma prova ontológica de nossa existência, transformando a questão numa querela medieval, mas, entender de que modo peculiar se daria tal existência. Eis o propósito do ensaio de Retamar sobre o pensamento latino-americano.

Retamar, então, parte da famosa personagem da peça de Shakespeare, A Tempestade, conhecida por Caliban. Anagrama de canibal, numa primeiríssima relação, Caliban é evocado como uma espécie de alegoria-conceito para pôr em evidência, não o tempo da existência da América Latina, da cultura latino-americana, de um pensamento latino-americano, mas a diferença posta por sua existência.

Figura monstruosa aos olhos do europeu, não é de se estranhar, Caliban é descrito, segundo o imaginário da época, como uma besta. Aparência humana, mas, por

seus hábitos estranhos, um animal. Incivilizado e inculto. E, assim, como os animais, deveria ser domesticado. Destino certo, os povos aqui encontrados eram povos domesticáveis aos propósitos da exploração europeia. Cumprindo, pois, sua natureza, o fato é que o autóctone aprendeu a língua do colonizador, mas foi, entretanto, um aluno rebelde, pois, em sua indisciplina com os instrumentos do colonizador, aprendeu a praguejar.

Assim, na figura proposta por Retamar, temos, talvez, a estrutura fundamental de um modo particular de organizar nossa existência. Caliban assimilou a cultura do colonizador, mas tal assimilação não se deu acriticamente. Foi devorada e se tornou, por fim, criação. Caliban tornou-se, assim, símbolo da resistência criativa que, ao longo dos séculos, conferiu ao pensamento e à cultura latino-americana feições totalmente inusitadas.

O Selo Caliban, fruto de uma parceria entre a Editora UnB e a Casa da Cultura da América Latina, espaço ligado à Diretoria de Difusão Cultural do Decanato de Extensão da Universidade de Brasília, nasce com a missão de proporcionar ao público as reflexões produzidas nas diversas ações que ali se desenvolvem. Espaço de resistência cultural e espaço de resistência intelectual. A indisciplina de Caliban, para dizer como Félix Valdès García, é, ao mesmo tempo, as premissas de nossa emancipação.

Alex Calheiros

OCA

Residência Artística Internacional 2018



Universidade de Brasília

Márcia Abrahão Moura

Reitora

Enrique Huelva

Vice-Reitor

EDITORA



UnB

Germana Henriques Pereira

Diretora

CONSELHO EDITORIAL

Germana Henriques Pereira

Fernando César Lima Leite

Beatriz Vargas Ramos Gonçalves de Rezende

Carlos José Souza de Alvarenga

Estevão Chaves de Rezende Martins

Flávia Millena Biroli Tokarski

Izabela Costa Brochado

Jorge Madeira Nogueira

Maria Lidia Bueno Fernandes

Rafael Sanzio Araújo dos Anjos

Verônica Moreira Amado

OCA

**Residência Artística
Internacional**
2018

Organização

Alex Calheiros
e Estefânia Dália

 CALIBAN

EDITORA

UnB



Olgamir Amância Ferreira
Decana de Extensão

Alex Calheiros
Diretor de Difusão Cultural

Gregório Soares
Coordenador das Casas
Universitárias de Cultura

EXPEDIENTE

Realização
Diretoria de Difusão Cultural DEX/UnB

Organização
Alex Calheiros e Estefânia Dália

Revisão
Vilany Kehrlé

Projeto gráfico, diagramação e capa
Helena Lamenza

Fotografia
Estefânia Dália, Claudia Gutiérrez,
Fabián Avila, Guerreiro do Divino Amor,
Lucas Dupin, Oscar Figueroa e René Loui

Parceria
OEI

SUMÁRIO

- 8** Apresentação
- 13** Sobre o Programa
- 17** Sobre os artistas
- 25** A experiência dentro da residência e projetos
- 55** Artistas no Cárcere

O15 OCA : Residência Artística Internacional 2018 / organização, Alex Calheiros e Estefânia Dália. – Brasília : Editora Universidade de Brasília, 2019. 60 p. ; 27 cm.

ISBN 978-85-230 0955-7

1. Residência artística - Brasília - Brasil. 2. América Latina.
3. Arte - Catálogos. I. Calheiros, Alex. II. Dália, Estefânia.

CDU 7

O diálogo permanente da UnB com a América Latina

Márcia Abrahão Moura

Reitora da UnB

O que diferencia uma universidade pública de estabelecimentos privados de ensino superior? Embora ambos tenham como um de seus objetivos a formação de profissionais, a atuação das universidades vai além da sala de aula e realiza a função social definida para essas instituições pela Constituição Federal. Em lugares como a Universidade de Brasília, há ensino de excelência e também pesquisa, inovação e o contato permanente com a sociedade, por meio da extensão.

As ações de extensão complementam o aprendizado de estudantes, docentes e técnicos e permitem um diálogo para a troca de saberes que reforça a missão da Universidade. Basta uma visita a qualquer um dos mais de 450 programas ou projetos

de extensão ativos da UnB, para perceber o poder transformador das iniciativas que abarcam diversas áreas do conhecimento. Há projetos em saúde, gênero, meio ambiente, educação, tecnologia, para citar apenas alguns, quase sempre em intercâmbio com atividades de ensino e pesquisa.

No grande rol de ações, destaca-se o fomento à cultura, entendida pela Universidade, como um poderoso mecanismo para a emancipação social e o exercício da cidadania. É com essa premissa que reabrimos a Casa Niemeyer, em agosto de 2018, e inserimos o espaço no roteiro cultural do Distrito Federal com exposições e outros eventos. Também fortalecemos a Casa da Cultura da América Latina, cravada no Setor Comercial Sul.

O Programa de Residência Artística Internacional (OCA), da DDC/DEX, cujos resultados da segunda edição aparecem neste catálogo, é mais um esforço nesse sentido. Assim, como em 2017, cinco artistas latino-americanos (dois brasileiros, um mexicano, um chileno e um costa-riquenho) e um suíço que mora no Brasil foram selecionados para uma imersão de um mês, em Brasília, onde realizaram reflexões acerca da experiência de cidade na América Latina. O Programa OCA foi, novamente, um sucesso, consolidando a vocação da DDC como um dos braços institucionais da Universidade na integração com os países da região.

Tal iniciativa se alinha, ainda, ao Plano de Internacionalização da UnB, documento inédito aprovado,

em 2018, pelo Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão, com metas e objetivos para levar a instituição para o mundo e vice-versa. No âmbito da DDC/DEX, destaca-se a priorização das ações para o fortalecimento de uma rede de cooperação Sul-Sul, em um diálogo permanente com nossas nações vizinhas.

Agradecemos, novamente, o apoio da Organização dos Estados Ibero-americanos (OEI), parceira institucional desde a primeira edição, para a bem sucedida realização da residência. Desejamos que o Programa OCA se consolide cada vez mais e possa se tornar um marco de nossa atuação dentro e fora do país.

A Extensão no processo de internacionalização da UnB

Olgamir Amância Ferreira
Decana de Extensão
da Universidade de Brasília

É com prazer que apresentamos o catálogo da II Residência Artística Internacional (OCA). Novamente, a política de Extensão da UnB cumpre papel fundamental para o processo de internacionalização da universidade, principalmente por seu caráter amplo, integrador e intercultural.

A Universidade de Brasília aprovou, por meio da Resolução nº. 0057/2018, o Plano de Internacionalização 2018-2022. Esse plano estabelece a institucionalização de um Programa Supranacional de Extensão, com destaque para a cooperação Sul-Sul.

O Programa Especial Sul-Sul foi aprovado, em setembro de 2018, pela Câmara de Extensão. O objetivo é promover o desenvolvimento de projetos interculturais que contri-

buam para a integração de saberes e conhecimentos entre a Universidade e a Sociedade, em uma perspectiva crítica e interdisciplinar.

O Programa de Residência Artística Internacional (OCA), da Diretoria de Difusão Cultural do Decanato de Extensão em parceria com a Organização dos Estados Ibero-americanos (OEI), é um dos objetivos principais deste Programa Especial (do Programa Sul-Sul).

Em sua segunda edição, em 2018, o OCA recebeu, na CAL, seis artistas: três estrangeiros oriundos de países latino-americanos, dois brasileiros e um europeu radicado no Brasil. Um dos objetivos da CAL é promover e divulgar a arte e a cultura ibero, latino-americana e africana, em todas as suas vertentes e linguagens.

O Decanato de Extensão sempre procurou integrar Universidades, movimentos, artistas, com intenção de aprofundar experiências do Sul e democratizar e descolonizar o conhecimento e a arte. Com a interação dialógica como diretriz, buscamos o desenvolvimento de relações marcadas pelo diálogo.

Em uma extensão universitária internacionalizada, propomos ações de intercâmbio e cooperação. É nessa perspectiva que produzimos este catálogo, reconhecendo a importância da produção latino-americana e do compartilhamento de experiências entre nossos residentes, buscando o enriquecimento cultural de todos os envolvidos.

O encontro das artes ibero-americanas em Brasília

Raphael Callou
Diretor da Organização dos Estados Ibero-americanos (OEI) no Brasil

A diversidade de atores e linguagens é o diferencial da segunda edição do Programa de Residência Artística Internacional (OCA), em 2018. A seleção atraiu 147 inscritos de 12 países. Isso representa um aumento de 25% no número de pessoas, em relação à primeira edição do ano anterior. A experiência de um mês de imersão, no Brasil, visa retratar os espaços urbanos por meio das artes.

Coordenada pela Diretoria de Difusão Cultural do Decanato de Extensão, em parceria com a Organização dos Estados Ibero-americanos (OEI), a iniciativa evidencia uma das premissas da OEI na área da cultura: contribuir para promover intercâmbio educativo e cultural, bem como fortalecer as economias criativas em âmbito de Ibero-América.

Agora, países que compartilham fronteiras comuns e desafios, muitas vezes similares, estão representados

no catálogo da II Residência Artística Internacional. A publicação evidencia um mês de trabalho, resultado de intercâmbio cultural, reflexão, debate, técnicas e difusão de artes.

A inovação, também, reflete-se na multiplicidade geográfica. A residência artística acolheu dois candidatos brasileiros, três de fora do país - um morando na Costa Rica, outro no México e outra no Chile -, além de um suíço residente no Brasil. Por fim, seis artistas foram selecionados.

A variedade de expressões artísticas marcou o trabalho do grupo reunido em Brasília. Os selecionados repensaram, artisticamente, os espaços urbanos por meio de música, vídeo, dança, performance e artesanato. Diferente da edição de 2017, retratada, exclusivamente, por artes plásticas.

A ideia é que este catálogo possa proporcionar o desenvolvimento de

pesquisa, criação e estudo interdisciplinar, além de contribuir para a reflexão sobre as cidades latino-americanas. Residência artística pode até ser uma iniciativa corriqueira no mundo; o diferencial do OCA é trazer a mobilidade artística para o espaço universitário.

Promover a internacionalização da universidade faz parte das linhas de atuação da OEI e é, também, uma característica típica da Universidade de Brasília. Ambientada em uma cidade de traços artísticos, com projeto urbano que busca materializar uma visão de futuro, a UnB insere educação e arte no contexto da integração ibero-americana.

O papel da CAL na integração cultural latino-americana

Alex Calheiros

Diretor de Difusão Cultural

No final da década de 1980, quando, alguns países do continente latino-americano retornavam à normalidade democrática, foi realizado, em Brasília, o I Festival Latino-americano de Arte e Cultura (FLAAC). Idealizado dentro da Universidade de Brasília, o evento que ansiava, profundamente, pela integração cultural com os países vizinhos, extrapolou barreiras e incorporou ao processo político reflexões sobre o papel da cultura, dando, assim, início a um verdadeiro processo de aglutinação cultural.

Um dos pontos altos da programação do festival foi a exposição Arte Popular e Artesanato, que ocupou o foyer da Sala Villa-Lobos do Teatro Nacional Claudio Santoro, composta por objetos provenientes da Bolívia, Chile, Colômbia, Costa Rica, Cuba, Equador, Honduras, México, Panamá, Paraguai, Peru, República Dominicana, Uruguai e Venezuela. Uma parte significativa dessas peças foi doada à UnB e, no compromisso de forta-

lecer os laços do Brasil com os países-irmãos, em 15 de julho de 1987, surgiu a Casa da Cultura da América Latina da UnB (CAL), que teve como um dos pilares o surgimento de um acervo de arte com obras que refletiam a diversidade dos países que participaram da mostra.

Instituição ligada à Diretoria de Difusão Cultural do Decanato de Extensão da UnB, a CAL vem, ao longo de mais de 30 anos, se consolidando como um espaço de pesquisa, preservação e divulgação do patrimônio artístico da Universidade e das expressões culturais latino-americanas. Reunindo um acervo de, aproximadamente, 2700 itens, divididos em acervo de arte e acervo etnográfico, essa coleção foi ampliada, ao longo dos anos, por doações feitas por instituições, pessoas, e por transferências de outros setores da UnB.

Com endereço no Setor Comercial Sul, a CAL possui três galerias de

arte: Acervo (2º andar), CAL (subsolo) e de Bolso (vitrine), que abrigam exposições de arte contemporânea o ano inteiro, por meio de uma Convocatória; acolhe inúmeros coletivos de arte da Capital e diversos projetos de extensão, via editais, que abarcam linguagens como música, cinema, teatro, literatura e dança.

Aprofundando cada vez mais o seu processo de internacionalização, a CAL vem ampliando sua parceria com as embaixadas sediadas em Brasília e com órgãos internacionais, como a OEI, com quem, desde 2017, vem realizando o Programa de Residência Artística Internacional (OCA), na intenção de trazer para a Capital do país artistas latino-americanos que possam ocupar as dependências da CAL e da Casa Niemeyer, tendo como ponto de reflexão/criação um tema já definido no edital. Além do intercâmbio cultural, a Residência busca estimular o pensamento, o debate e a difusão das artes e das humanidades.

SOBRE O PROGRAMA

OCA, uma Casa do tamanho de um Continente

Alex Calheiros

Diretor de Difusão Cultural

A Casa da Cultura da América Latina nasceu, em 1987, de uma iniciativa da Universidade de Brasília, ao fim do primeiro Festival Latino-americano de Arte e Cultura (FLAAC) que reuniu, na cidade, dezenas de artistas das mais diversas linguagens e expressões, vindos de diversos países da América Latina.

Por dias seguidos, os artistas convidados se apresentaram em Brasília, trocaram experiências com artistas locais, comunidade universitária e sociedade, criando um ambiente de unidade cultural ímpar. Uma experiência tão forte que até hoje deixa muitos, que experimentaram aqueles dias, nostálgicos.

Em 2017, a CAL, como é por todos conhecida, completava trinta anos e, ao iniciarmos a gestão, foi inevitável fazer um balanço e fazê-la reencontrar a sua missão. Ou seja, promover o fomento, a difusão e a integração da cultura latino-americana.

Quando a CAL foi criada, o Brasil vivia um momento particular, marcado pela reabertura política. Acabávamos de sair de uma longa e sombria ditadura militar. A democracia renascia e, com ela, o entusiasmo e o desejo de dar continuidade aos ideais interrompidos por aqueles longos e tão terríveis anos. Um dos ideais interrompidos e acalentados na noite escura da nossa história foi, sem dúvida, aquele de aproximação com os países que guardavam conosco uma herança política comum e uma diversidade cultural imensurável. Apesar da condição colonizada, aqui se formaram culturas distintas que os séculos de opressão forjaram em novos modos de expressão. Momentos de dor e de celebração compuseram essa complexa e paradoxal identidade. Em todo o Brasil, vivendo a intensidade desse clima, houve um movimento forte de criação de centros de estudos latino-americanos para fortalecer, recriar, e mesmo criar, os laços frágeis que susten-

tavam nossa integração política e cultural. Integração que continua sendo um desafio.

Diante do peso histórico da nossa própria história, e levando em conta que sempre é tempo de recomeçar, a pergunta que nos colocamos foi: "o que fazer para além de marcar a data e assumir, de verdade, a missão para a qual a Casa foi criada?"

Assim surgiu o OCA. Um Programa de residência artística internacional, voltado para promover o encontro de jovens artistas latino-americanos e contemporâneos, para juntos fazerem uma experiência de imersão radical na cidade de Brasília. O tema permanente que norteia as residências é: experiência e cidade na América Latina.

Algumas coisas nos pareciam importantes ao justificar e elaborar o Programa.

Em primeiro lugar retomar o ideal de integração cultural latino-americana, por reconhecer nesse a identidade da própria Universidade de Brasília, pois, em sua criação, um de seus objetivos centrais era o de criar uma universidade absolutamente nova e alinhada com o projeto de desenvolvimento dos países latino-americanos. O OCA, assim como foi o FLAAC, deveria significar, para nós, um reencontro com a nossa história e com a nossa verdade. Em segundo lugar, pareceu-nos que Brasília, enquanto cidade planejada e moderna é, para o bem e para o mal, um espaço paradigmático para pensar o desenvolvimento de nossas realidades urbanas e pensar nossa experiência tão diversa de comunidade. A cidade é, enfim, uma grande Casa: espaço do encontro de diversidades incontáveis, de experiências ricas e abertas. Por fim, a Universidade é o lugar propício para a experimentação, o debate e a criação.

Em suas duas edições, o Programa OCA trouxe a Brasília onze artistas de países diversos: Brasil, Chile, Colômbia, Costa Rica, Guatemala, México e Peru, além de um artista suíço radicado no Rio de Janeiro. Ao longo de um mês, os artistas conheceram inúmeros aspectos de Brasília, não somente aqueles dos cartões postais, mas também, a cidade que nem sempre é mostrada: a Brasília racionalista, do Plano Piloto, e a Brasília mística, do Vale do Amanhecer. A Brasília planejada e a Brasília da periferia. A Brasília moderna e a arcaica. A convivência intensa com os estudantes e os artistas locais. Enfim, a experiência deixou marcas na Universidade, na cidade e em cada um de nós. O objetivo principal, a aproximação, o reconhecimento mútuo e a certeza que continuaremos juntos, daqui pra frente, debatendo, experimentando e criando, foi alcançado e tende a se expandir e se fortalecer nos anos seguintes.

*"Te hago nacer en medio
De las brumas,
Para que brillante sea
El porvenir de mi Pueblo.
Te hago nacer en el 'planalto'
Para ubicarte en el corazón
De mi tierra.
Te hago nacer hoy en Brasília,
Para que seas la CASA de
Encuentros de todos mis Hermanos.
Te hago nacer para que seas
Y para que nos hagas ser...
LIBRE, AMÉRICA LATINA."*

Estes são os dizeres encontrados em um cartaz que data da criação da Casa da Cultura da América Latina, assinado por sua primeira diretora, a professora Laís Aderne. Eis nosso ponto de partida e nosso horizonte.

SOBRE OS ARTISTAS

**Claudia
Gutiérrez
Marfull**
(Santiago/1987)

Seu trabalho é focado na apropriação de técnicas artesanais têxteis, na condição feminina e nos limites urbanos que compõem a cidade. Licenciada em Artes Visuais pela Universidade Diego Portales (Santiago), é formada em Realização Cinematográfica pela Universidade do Chile.

Participou de diferentes exposições, como "Hussardos trágicos", no Museu

de Arte Contemporânea (2018) e "Pouco se ganha sorrindo, muito menos olhando", no Museu da Solidariedade Salvador Allende (2016), ambas em Santiago (Chile). Recebeu o Prêmio Municipal Arte Jovem, outorgado pela prefeitura de Santiago (2018) e a Distinção do Conselho da Cultura e das Artes do Concurso Nacional Arte Jovem, da Universidade de Valparaíso (2017).



Foto: Catalina Varas



Foto: Itze Serrano

**Fabián Avila
Elizalde**
(México/1980)

Artista, docente e pesquisador das Artes Sonoras, é mestre em Música e licenciado em Psicologia, pela Universidade Nacional Autônoma do México [Unam]. Autodidata em música eletrônica, com formação em baixo elétrico e teoria do jazz, seu trabalho explora as possibilidades sociais e afetivas da escuta, pois é a partir dela que tece todo seu processo criativo.

Obteve um prêmio do júri na Sound Art & Electroacoustic Music International Competition, 2016; foi classi-

ficado em 1º lugar - em colaboração com Javier Gómez - no IV Concurso Nacional de Videoarte Universitário (Muac), 2014, e em 4º lugar no Concurso Música e Desenho, no Circo Voador, 2013. Recebeu bolsas de estudos do Programa de Estímulo para a Criação e Desenvolvimento Artístico, 2017, e Arte a 360 graus, entre outros. O artista faz parte de um coletivo de música livre, com quem desenvolve experiências performáticas em torno de software, educação e artes livres



Foto: Gê Viana

Guerreiro do Divino Amor (Suíça/1983)

Mestre em Arquitetura, sua pesquisa explora as *Superfícões* - forças ocultas que interferem na construção do território e do imaginário coletivo. O artista constrói um universo de ficção científica, a partir de fragmentos de realidade que adquirem forma de filmes, publicações e instalações. Vive e trabalha no Rio de Janeiro.

Participou de Bienais de arte na Costa Rica e na Suíça. Expôs em espaços como a Fundação Iberê Camargo (Porto Alegre); Casa

França-Brasil, galeria Gentil Carioca e o Museu de Arte (Rio de Janeiro); Centro de Arte Contemporânea de Vilnius (Lituânia) e esteve no Salão Arte Pará, em 2018. Nesse mesmo ano, realizou a individual "Superfícões" no Paço das Artes (MIS-SP). Além da CAL/UnB, foi artista residente no FAAP Lutetia e no Pivô Arte e Pesquisa (São Paulo). Em 2019, ganhou a Bolsa Pampulha. Seus filmes foram exibidos e premiados em várias mostras e festivais nacionais e internacionais.

Lucas Dupin (Belo Horizonte/ 1985)

Mestre e bacharel em Artes Visuais pela Universidade Federal de Minas Gerais, participou de exposições e residências artísticas no Brasil e no exterior. Foi premiado e selecionado para residências artísticas, em diferentes ocasiões: Art Weekend (SP) e OCA/OEI (2018); Faap (2017); 6ª Bolsa Pampulha (2016); Prêmio Arte Contemporânea (Funarte) e Residência Artística Fundaj (2015); 2º Prêmio Energias na Arte (2010) no Instituto Tomie Ohtake (SP). Vive e trabalha em São Paulo e Belo Horizonte. É re-

presentado pelas galerias Lume (SP) e Periscópio (MG).

A maior constante em sua produção está na capacidade de diálogo com os contextos em que trabalha, embora se volte com frequência para a observação atenta da transitoriedade presente no cotidiano. Sem ater-se a materiais, linguagens e modos de trabalhar específicos, busca, dentro do seu universo de investigação, realizar trabalhos em que partes são capazes de acessar um todo.



Foto: Walter Sotomayor



Foto:
Janine Moraes

Oscar Figueroa (Costa Rica/1986)

Vive e trabalha em San José, capital da Costa Rica. Estudou Arte, Comunicação Visual e Sociologia na Universidade Nacional de Costa Rica. Boa parte de suas instalações faz referência às condições históricas ou às variantes socioeconômicas, dentro de seu contexto local.

Destacamos algumas das suas exposições individuais: Galeria Despacio, 2014; Galeria TEOR/ÉTica, 2013; Museu de Arte e Desenho Contemporâ-

neo, 2013, Centro Cultural Espanhol, 2008; todos os espaços localizados em San José.

Entre as suas exposições coletivas, estão: AÚN - 44º Salão Nacional de Artistas (Pereira/Colômbia) e X Bienal de Artes Visuais do Istmo Centro-Americano (Puerto Limón/Costa Rica), 2016; 10ª Bienal do Mercosul (Porto Alegre), 2015; Tate Modern (Londres), 2014; Bienal de Havana (Cuba) e Centro Georges Pompidou (Paris), 2013.

René Loui (Juiz de Fora /1991)

Artista transdisciplinar, René Loui se interessa, particularmente, pelo universo dos corpos, das diferenças, das experiências coletivizadas e da construção de movimento em tempo real.

Mineiro, radicado em Natal (RN), é mestre em Artes Cênicas, pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte e bacharel em Artes e Design, pela Universidade Federal de Juiz de Fora (MG). Sua pesquisa é voltada para diferentes linguagens como dança, performance, fotografia e audiovisual.

Fundador do CIDA - Coletivo Independente Dependente de Artistas, um núcleo alternativo de dança contemporânea e performance, que surgiu em 2016, com sede na Casa Tomada na capital potiguar, o artista já participou de exposições, festivais e residências artísticas no Brasil e no exterior. Recebeu diversos prêmios, onde se destacam: Overseas Culture Interchange (2016); Prêmio Conexão Cultura Brasil Intercâmbios (2014); Edital Carne Fresca (2013) e 8ª Rede Nacional - Artes Visuais/Funarte (2011).



Foto: Raique Moura

A EXPERIÊNCIA DENTRO DA RESIDÊNCIA E PROJETOS

A UnB na vanguarda das residências artísticas do país

Ana Avelar

Curadora da Casa Niemeyer e professora do Departamento de Artes Visuais da UnB

O Programa de Residência Artística Internacional (OCA) da Diretoria de Difusão Cultural, do Decanato de Extensão da Universidade de Brasília, em parceria com a Organização dos Estados Ibero-americanos (OEI), aberto a artistas da América Latina, oferece espaço para moradia e desenvolvimento de projetos na capital federal durante um mês.

No decorrer desse período, artistas que concorreram ao edital – e que foram escolhidos por uma banca de curadores, professores, artistas e agentes culturais – desenvolvem projetos, contando com uma bolsa de pesquisa. Não há exigência de que realizem trabalhos e os apresentem, durante o período de permanência da residência, embora

isso já tenha acontecido e a DDC/UnB esteja aberta para apoiar tais iniciativas.

A ideia central é oferecer ao público da Casa da Cultura da América Latina (CAL) e da Casa Niemeyer a possibilidade de conviver com artistas em ateliês abertos, e, ao mesmo tempo, proporcionar, aos artistas, uma oportunidade de pesquisa imersiva na cidade. No edital, solicita-se, apenas, que apresentem suas pesquisas durante uma conversa aberta para a comunidade em geral.

A UnB está na vanguarda dos programas universitários de residências artísticas no Brasil, sendo, salvo engano, a única universidade pública hoje a oferecer um programa desse

tipo. Iniciativa que partiu do professor Alex Calheiros, do Departamento de Filosofia e diretor de Difusão Cultural do Decanato de Extensão da UnB, responsável pela CAL e pela Casa Niemeyer, seguindo a diretriz de internacionalização proposta pela Universidade.

O tema da residência "Experiência e cidade na América Latina" é razoavelmente fixo, podendo ganhar adendos a cada edição. Essa determinação foi tomada durante reuniões do conselho da DDC sobre o Programa visando, justamente, incorporar o traço inegável de Brasília que é sua vocação moderna, além do seu planejamento controverso e a potência das discussões que a origem e a contemporaneidade da cidade suscitam.

A relação estabelecida entre a DDC e os artistas residentes é fomentada em ações futuras com a intenção de se criar uma rede de colaboradores que permita a universidade, e, também, a cidade, a se manterem integradas ao cenário internacional das artes visuais.

Neste catálogo apresentamos os artistas residentes desta edição, bem como suas pesquisas produzidas, em Brasília, e o desenvolvimento dessas ao longo dos meses seguintes. Por meio dos depoimentos e das imagens, é possível notar como surgiram pesquisas, ações e trabalhos, decorrentes do convívio e dos debates constantes dentro da imersão que constitui a residência artística.

*Este texto foi publicado em versão estendida nos anais do I Congresso Internacional Pensamento e Pesquisa sobre a América Latina / III Simpósio Internacional Pensar e Repensar a América Latina, Programa de Pós-Graduação Integração da América Latina da Universidade de São Paulo - PROLAM (USP).

Claudia Gutiérrez Marfull

Processo da obra *Uma andorinha
não faz verão*. Bordado sobre livro.

Fotos: Tarix Sepúlveda



O PROJETO

“Meu projeto surgiu a partir da exploração da paisagem urbana de Brasília, cidade Patrimônio Cultural da Humanidade, materialização dos ideais modernistas do século XX. Mesmo antes do seu planejamento, foi considerada um símbolo de união nacional que mostraria ao mundo o desenvolvimento do Brasil.

O projeto toma como referência esse ímpeto modernista, o orgulho pelo progresso e a perpetuação desses discursos, ao longo do tempo. Apesar da veemência dos discursos em mostrar a racionalidade, a perfeição e a monumentalidade de Brasília, a cidade contém marcos que demonstram um presente que frustrou as esperanças do passado e, também, uma modernidade que pretendeu se perpetuar, mas não levou em conta sua própria obsolescência. A

paisagem exemplifica essa contradição discursiva, inevitavelmente, presente ao percorrer a cidade. É quase impossível negar sua condição de cidade latino-americana, em constante processo de desenvolvimento e que sobrevive por meio da adaptação permanente. Suas 'ruínas' terminam demonstrando o fracasso da modernidade na América Latina.

Uma andorinha não faz verão é parte de uma série de explorações da paisagem urbana que tem como ponto de partida espaços abandonados, paisagens desfavoráveis que não pretendem ser exibidas e que, sem obstáculos, se fazem presentes ao percorrer a cidade. Neste caso particular, edifícios e intervenções anônimas no espaço público, que represento por meio de técnicas do fazer artesanal e que, tradicio-

Registro fotográfico de ruínas na UnB e do Hospital São Braz, em Brasília.

Fotos: Claudia Gutiérrez



nalmente, têm sido associadas ao gênero feminino. Por meio de técnicas e materiais subvalorizados se exacerbam imagens substituíveis e de mau gosto.

O projeto consiste em duas séries: a primeira, consta de cinco bordados de grande formato que representam cinco edifícios 'abandonados' da cidade: o Teatro Nacional Cláudio Santoro, o Museu de Artes de Brasília, o Ginásio Cláudio Coutinho, o Hospital São Braz e espaços da Universidade de Brasília; a segunda é composta de, pelo menos, quinze livros que falam sobre a arquitetura e história de Brasília, que geraram intervenções feitas por meio de bordados e grafites.”



Processo da obra *Uma andorinha não faz verão*. Bordado sobre rede.

Foto: Claudia Gutiérrez

Fabián Avila Elizalde

EXPERIÊNCIA NA RESIDÊNCIA

experiencia es agenciar el riesgo

una madrugada. calles vacías. abrir la puerta, fue el primer acertijo.

s i l e n c i o

muchosilencio

¿por qué hay tanto silencio en la capital
de uno de los países más grandes de América?

cada cuerpo está sostenido por su sonoridad
por la mañana apareció Claudia.
después Guerreiro y Lucas.
los abrazos de René.
la noche fue de Oscar.

recorrimos calles sin gente
nuestras charlas nos protegieron de esa nada
la voz es la forma que el sonido adquirió para abrazar
nunca había escuchado lengua más hermosa que la brasileña
comidas bebidas caminatas noches en Pôr do Sol

tópicos: arte
condiciones políticas de nuestros países
músicas diversas/ festas
familias
afectos

sonidos nuevos: cigarras
hormigas cortando las hojas
aguas minerales
repentistas
samba
cantidad enorme de aves
manifestaciones

la relación con los cuerpos está llena de regocijo

el amor se entreteje desde los intersticios de la voz

todo se llenó de preocupación y tristeza
con el triunfo electoral de seres abominables

para escuchar hay que inmobilizarse
andar lento
hacer del cuerpo un refugio
se acepta incondicionalmente a toda resonancia
hay que perder el tiempo
simula que desperdicias el tiempo
atrofa el eficientismo y la productividad

¿en China no hay muchos abrazos-besos-caricias?

un día tuvimos un carro, y fuimos más felices
atrasamos la neblina hasta la Flor-plátano

Vale do Amanhecer
Ceilândia

nunca olvidaré todo ese silencio
en dónde se entretejió el que emergieron amor-ternura-miedo-desilusión
desde un cúmulo que atesoraré hasta el día de voces movimientos-caricias
de mi muerte



Performance de Fabián Avila na CAL.

Fotos: Estefânia Dália

O PROJETO

“A peça parte da escuta de Brasília, assim como de uma investigação sobre a história da cidade. As fontes de informação foram as conversas com meus companheiros da residência, assim como com diversas pessoas que participaram dela. Também compartilhamos livros, referências musicais, datas curiosas e ausências.

A minha ênfase era escutar uma e outra vez e atender às mudanças na paisagem sonora de Brasília. A escuta é uma forma de conhecer o mundo, que nos presenteia com respostas nem sempre verbais às nossas perguntas. Nesse caso, me questionava sobre por que tanto silêncio em Brasília. A negação de uma cidade a ser caminhada, sua exaltação à máquina, o regozijar-se dos pesadelos da modernidade e do racional, o silêncio que provém de um projeto fracassado. Por sua vez, a beleza da língua brasileira, a graciosidade dos corpos, os sorrisos tão expressivos e sinceros atravessados pela explosão do trabalho e por quem pede comida e possui carroças com cavalos. A peça que produzo, cujo nome é simplesmente ‘Brasília’, consta de quatro elementos:

1. Porta-guardanapo: fiquei enamorado de uns guardanapos, cuja sonoridade me pareceu muito interessante e pensei na grande quantidade de guardanapos que existia

no Plano Piloto. Dispositivos tão inúteis quanto as construções do Eixo Monumental: era possível construir o Congresso Nacional com duas caixas de cereais e um prato invertido. O guardanapo é muitas vezes inútil, pois limpa coisas que é possível limpar de outra maneira. Brasília parecia que desejava limpar todos os sons que a comunidade era capaz de tecer (de música, de falas etc);

2. Obras sonoras: quatro peças que incluem gravações no Plano Piloto, Ceilândia e Vale do Amanhecer, assim como um percurso musical com recortes de canções que mencionam Brasília. As manifestações indígenas, as cigarras, a manifestação feminista, o som do interior dos tubos do transporte público, que se encontram nas composições;

3. Texto: breves linhas, altamente dramáticas e românticas, sobre as condições de escuta em Brasília;

4. Performance: o gesto sonoro mais simples, sensível, limpando o horror das eleições, o medo, a desesperança. Os sons são carícias a distância, atos de amor, porém Brasília e meus companheiros se despem.”

Guerreiro do Divino Amor

EXPERIÊNCIA NA RESIDÊNCIA

“Chegando a Brasília, a primeira coisa que encontrei foi uma família. Estávamos todos no vazio, sem ter ideia de onde estávamos, perambulando pelos descampados, carinhosamente, apelidados de ‘Chernobyl’, pois, nos sentíamos num cenário pós-apocalíptico.

Passamos dias sem ver ninguém, correndo dos carros como ratazanas e, quando os víamos, era aterroizante, pois, estávamos em meio àquele processo eleitoral dramático e devastador. O silêncio era tensão; o ruído das cigarras parecia um ataque alienígena por vir, e o das formigas, que ia nos cortar em pedacinhos. As buzinas das carreatas do ‘demo’ ecoavam e tinha até medo das pessoas, que encontrávamos no supermercado Big Box, nos apunhalarem pelas costas.

Deu para sentir a cidade em sua hostilidade, mas deu, também, para sentir a bonita transição da seca para as chuvas, que faz sangrar o nariz; o tão famoso céu e as 1001 noites no bar Pôr do Sol e, então, sem perceber, por milagre, nos sentimos em casa, em ‘Chernobyl’. Estávamos nos amando, ao mesmo tempo, em Brasília, em Chernobyl, no México, no Chile e na Costa Rica (e, também, um pouco, na China). Poderia ter durado para sempre!

Foi arrebatador poder ver o quanto as questões, as lutas e histórias são similares em toda a América Latina, porém, vivemos isolados uns dos outros, desconhecendo a realidade do próximo e, até mesmo, da sua música pop (principalmente o Brasil em relação aos outros países), provavelmente, por falta de um projeto político que nos una e pelas velhas relações coloniais.

Em relação à *Superfícção*, há muito tempo me indagavam sobre um possível desenvolvimento de um novo capítulo ‘superficcional’, em Brasília. Para mim, a cidade seria uma superficcção que já veio pronta, onde até já existem superquadras...

O que encontrei foi muito mais profundo, como um cristal de condensação da narrativa superficcional nacional, uma versão de ficção científica do mito desenvolvimentista brasileiro com um elã místico e, ao mesmo tempo, um monumento vivo à segregação racial e social, onde ela se dá não como em todas as outras cidades, de forma mais ou menos sorrateira, mas, onde ela é parte intrínseca de um projeto urbanístico e de infraestrutura.”

A Loba de uma
Nova Roma.

Foto de still do filme
Brasil Cristalizado

PREMIO ROMA - BRASILIA CITTÀ DELLA PACE 19
A SARAH KUBITSCHKEK
CAMPIDOGGIO, 18 DICEMBRE 1995

*O Ovo da Serpente,
Alisamento Terrestre e Capilar
e Desabrochar da Nova Alvorada.*

Foto de still do filme
Brasil Cristalizado

O PROJETO

“Durante a residência, comecei a desenvolver um novo capítulo do *Atlas Superficcional Mundial*, projeto megalomaniaco de pesquisa multidisciplinar, cujos primeiros episódios se deram em Bruxelas, Rio de Janeiro e São Paulo. A saga investiga como ficções de diferentes naturezas, sejam elas geográficas, sociais, históricas, midiáticas, políticas ou religiosas, interferem na construção do território e do imaginário coletivo.

Em cada território se desenvolve um ponto de vista e uma série de questões específicas, desembocando em uma nova alegoria cosmogônica superficcional. As superficções dialogam entre si e se incorporam umas às outras. Durante o processo, o projeto se alimenta de pesquisas iconográficas e históricas, da observação sociológica do cotidiano, das simbologias do espaço público e da produção midiática escrita, audiovisual e das redes.

Assim, o quarto capítulo do *Atlas Superficcional Mundial*, sobre Brasília, explora a ideia de um futuro como passado petrificado. Num tempo geológico acelerado, onde séculos se cristalizaram, em poucos anos, na forma de uma cidade pela força do racionalismo místico, que tem o poder de embalsamar ideias e estruturas sociais para que se perpetuem para todo o sempre.

Esse novo capítulo será uma epopeia alegórica superficcional em três atos: o primeiro ato, a *Formação*, trata da superficção primordial da supernação - o supervazio, o super-silêncio da Terra e do Homem como páginas em branco. A construção de um vácuo projetado de identidade a ser desbravado e preenchido.

O segundo ato, a *Cristalização*, trata da construção de Brasília como materialização do límpido e impávido colosso. Com a bênção de Dom Bosco, Akhenaton e da Loba

de Roma, as estruturas de poder são embalsamadas para a solidificação do ideal superdesenvolvimentista de extrativismo mineral, agrário e social, num mausoléu ao positivismo.

O terceiro ato, *O Desabrochar da Nova Alvorada*, representa a volta do supercolonialismo místico em sua versão transfigurada. O bálsamo se racha, a estrutura toma vida, se anima e retoma seus significados antigos, voltando a ser habitada por seus fantasmas. Enquanto os vulcões de água sanitária prosseguem no seu trabalho de embranquecimento dos planos espirituais, a febre bandeirante, reencarnada, pulsa e se multiplica, hipnotiza e se propaga, dentro dos seres, na forma de uma epidemia de *Síndrome de Estocolmo*.”



Lucas Dupin

O PROJETO

“Ao longo do período de residência, elegi como objeto de investigação a construção de Brasília, por meio de três diferentes elementos, a saber:

I. Os elementos retórico-discursivos presentes nos discursos oficiais de Juscelino Kubitschek, Lúcio Costa e Oscar Niemeyer, e, também, da produção cultural da década de 1960, com atenção especial à Sinfonia da Alvorada, composta e gravada, no ano da inauguração de Brasília, por Vinicius de Moraes e Tom Jobim;

II. Os elementos históricos da mudança da Capital, desde a Missão Cruls, no final do século 19, até sua construção de fato, no final da década de 1950, por meio da coleta de imagens e documentos em arquivos públicos; e

III. Os elementos naturais e humanos que compõem, e compunham, a paisagem no local onde hoje está situado o Distrito Federal, com atenção especial ao cerrado e sua tipificação como 'deserto'.

Esboço de projeto. Foto: Lucas Dupin



A seguir, uma seleção de quatro trabalhos que articulam alguns dos pontos iniciados durante os 30 dias de residência artística em Brasília. Cabe ressaltar que alguns destes permanecem em 'estado de projeto', aguardando momento oportuno para finalizá-los.

PROJETO 1

Título: *Contraplano*

Técnica: impressão fine art sob papel de algodão, adesivada sob compensado naval.

Dimensões: 56 x 76 cm (conjunto)

Justaposta à impressão do emblemático projeto de Brasília, apresentado por Lúcio Costa, em 1957, que nas palavras do mesmo "Nasceu do gesto primário de quem assinala um lugar ou dele toma posse (...)". Repousa a também icônica gravura do livro 'Viagem pitoresca ao Brasil', de Jean-Baptiste Debret, de 1834. Embora de contextos completamente diferentes, é inevitável a proximidade formal entre as imagens, assim como a tensão simbólica provocada por essa aproximação, na qual o índio retratado por Debret parece ao mesmo tempo mirar a ave e o 'coração do Plano', como objeto de caça.



PROJETO 2

Título: *Planalto Deserto*

Técnica: vídeo Full HD

Dimensões: 1920 x 1080 px

Duração: 6'20"

Situação: em processo

'O deserto', 'o ermo', 'a solidão', 'o silêncio', foram palavras repetidas, exaustivamente, nos discursos de Juscelino, Niemeyer e Lúcio Costa, de modo a reiterar a visão mítica de uma cidade construída em pleno 'nada'. Como exemplo desse 'apagamento', no qual se inclui povos indígenas, pioneiros e o cerrado, está a Sinfonia da Alvorada, composta por Tom Jobim e Vinicius de Moraes, gravada no mesmo ano de inauguração da nova Capital.

Tomando como base o primeiro movimento da Sinfonia da Alvorada, intitulado 'O Planalto Deserto', várias imagens coletadas em arquivos públicos, que mostram elementos naturais e humanos, que compunham a paisagem de onde hoje está situada Brasília, são projetadas junto à sinfonia como em um 'videoclipe'. A justaposição dos elementos visuais e sonoros postos acabam por causar um 'ruído' ou 'estranhamento', no qual aquilo que está sendo dito não encontra seu correspondente visual.

PROJETO 3

Título: s/título
 Técnica: vídeo
 Dimensões: 1920 x 1080 px
 Duração: ~ 3'
 Situação: em processo

O gesto primário e inaugural, indicado por Lúcio Costa em seu projeto para Brasília, é revelador na icônica imagem do cruzamento dos eixos monumental e rodoviário, feita, em 1957, pelo fotógrafo oficial do governo JK, Mário Fontenelle. No vídeo, a fotografia impressa de Fontenelle, um dos maiores memorialistas de Brasília, subitamente, começa a pegar fogo no local em que os eixos se encontram. Aos poucos, o buraco provocado pela queima alarga-se revelando, ao fundo, o chão vermelho característico do cerrado e queimando consigo, simbolicamente, a ortogonalidade presente na imagem.

**PROJETO 4**

Título: *Notas sobre representação #1 e #2*
 Técnica: mapas, fotografias e impressos diversos cortados.
 Dimensões:
 1. 76 x 86 cm
 2. 70 x 88 cm
 Situação: em processo

Partindo do pressuposto de que o que compreendemos como 'paisagem' é parte de uma construção mental, através da linguagem, e não o correspondente exato do 'real' e da 'natureza', o presente trabalho busca, a partir da coleta de mapas, plantas topográficas, fotografias e textos de um *locus* específico - aqui no caso, Brasília -, construir imagens resultantes do entrecruzamento de diferentes níveis de representação de um mesmo local."

Oscar Figueroa

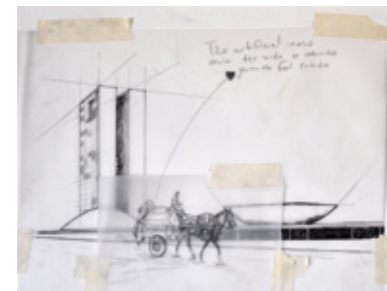


Performance *Tão artificial como devia ter sido o mundo quando foi criado.*

Foto: Janine Moraes

“Se eu dissesse que Brasília é bonita, veriam imediatamente que gostei da cidade. Mas digo que Brasília é a imagem de minha insônia, veem nisso uma acusação; mas a minha insônia não é bonita nem feia – minha insônia sou eu, é vivida, é o meu espanto.”

Clarice Lispector



Estudos para a performance *Tão artificial como deveria ter sido o mundo quando foi criado.*

EXPERIÊNCIA NA RESIDÊNCIA

“Durante a residência OCA, em Brasília, me interessei conhecer a dinâmica da cidade: uma cidade jovem, inaugurada como capital do Brasil, em 1960. Brasília não foi um assentamento humano que cresceu e desenvolveu com o passar do tempo, mas, sim, uma cidade criada a partir do zero, construída a partir de ‘teorias intelectuais’ sobre como melhorar a vida das pessoas mediante a promessa de modernidade, de progresso e desenvolvimento, não importando o que muitas pessoas tiveram que enfrentar para tornar esse sonho realidade.

Um dos lugares mais representativos da modernidade na América Latina, com seus edifícios monumentais, impecáveis, e sua distribuição

urbanística, que funciona como uma ode à máquina, em Brasília se mover envolve uma ação difícil e, se essa ação você realiza caminhando, caminhar pela cidade pode ser um ato de resistência.

Tal como o trabalho que venho realizando, nos últimos anos, minhas propostas têm a intenção de refletir sobre as ideias de progresso e desenvolvimento na América Latina. Nele, temas como economia, poder, migração e a transformação constante, a partir da ‘promessa de modernidade’, são reformulados como uma espécie de processo, permitindo inter-relações contínuas entre o que se denomina ‘feito histórico’ e o que foi omitido, e entre o que se materializou e o que apenas é perceptível.”

Performance *Tão artificial como deveria ter sido o mundo quando foi criado.*

Fotos: Janine Moraes



“Tão artificial como devia ter sido o mundo quando foi criado”
(frase da obra *Os primeiros começos de Brasília*, de Clarice Lispector [1962])

O PROJETO

“É uma série de ações registradas em vídeo e fotografia, que têm lugar em setores como o Eixo Monumental do Plano Piloto de Brasília - onde se concentram muitos dos importantes pontos turísticos cívicos da Capital, como a Praça dos Três Poderes e a Esplanada dos Ministérios.

Danilo Pereira, a pessoa que realiza a ação, migrou há alguns anos com sua família para Brasília, em busca de melhores condições de vida. Por não ter onde morar, tinham que improvisar lugares para ficar, locais onde não sofrem tanta perseguição do Estado nem da polícia. Danilo sobrevive na cidade por meio de trabalho informal, como o de coletar resíduos recicláveis encontrados no lixo. Ele percorre a cidade montado num cavalo, ferramenta que facilita muito o seu traslado, já que cami-

nhando não poderia realizar essa atividade de maneira fácil.

Segundo Danilo, desde dezembro de 2018, a Lei nº 5.756 proíbe a circulação de cavalos em vias do Distrito Federal. Medida que veio prejudicar pessoas que, como ele, necessitam da ajuda de um animal para trabalhar. A ação parte de um extrato do texto de Clarice Lispector que fala de sua visão sobre Brasília: “*Tão artificial como devia ter sido o mundo quando foi criado*”, escrito em uma manta e colocado em uma carroça construída por Danilo para recolher o material reciclável. A carroça é levada por ele, a pé, que circula ao largo dos muitos edifícios governamentais espalhados pela área da Esplanada dos Ministérios e Praça dos Três Poderes. Sua movimentação tem implicações penosas, torturantes.”

René Loui

EXPERIÊNCIA NA RESIDÊNCIA

“Revisitando minhas memórias corporais/afetivas, ocasionadas a partir das experiências com a Superficcional Brasília - um adendo ao querido Guerreiro (do Divino Amor) -, percebo que, a Residência Artística Internacional (OCA), através de sua proposital imersão coletiva, nos deixou rastros. Ou, talvez, nos transformou em rastros. Rastros uns dos outros.

A residência possibilitou que seis artistas com realidades, nacionalidades, percursos e linguagens de trabalho distintas se colocassem à beira de seus processos de criação e deixassem ser afetados pelos processos uns dos outros.

Os ritmos dos residentes

Para compreender os ritmos de Brasília, primeiro precisaríamos nos entender; precisaríamos, antes de mais nada, nos compreender enquanto coletivo, para, assim, descobrir o ritmo de nosso próprio cardume. E, assim, aconteceu: nós nos descobrimos.

Mesmo que, contra a corrente ou ainda que contramão, juntos, nós seguimos o fluxo dos rios de pedras asfaltadas. Desbravamos a cidade, a partir de um ritmo só nosso. Tínhamos como paisagem sonora a melodia trazida pelas cigarras. Construímos nossa própria frequência de movimento/deslocamento, tendo como base a estrutura pré-moldada que a cidade nos oferecia. Percorremos caminhos e travessias...”

O PROJETO

Criada com o intuito de aproximar o Coletivo CIDA de outros artistas, com realidades e pesquisas similares, e apresentada ao público em um formato de residência artística com exibição aberta dos processos, *Nu Escuro* já foi executada em duas cidades distintas: Natal (RN) e Brasília (DF). A obra propõe que, sob orientação do idealizador, artistas locais das cidades onde estiver sendo executada/exibida, sintam-se convidados a problematizar a nudez, os espaços não tradicionais de teatro/dança/performance, seus medos/dores, e demais barreiras encontradas em suas trajetórias pessoais na arte.

Nu Escuro (Brasília)

“Entendendo que, para compreender Brasília, eu precisaria antes compreender os ritmos dos artistas que nela vivem, me propus a um experimento coletivo: ao longo de três dias, me juntei a dois artistas moradores da cidade para que, a partir de práticas sensoriais e experiências sensíveis de movimento, pudéssemos redescobrir o ritmo da cidade e conseguíssemos descobrir como reinventar os espaços da Casa da Cultura da América Latina. Foram dezessete inscritos de áreas completamente distintas. Os artistas, Biophillick e Françar Rodrigues, se destacaram e foram os dois selecionados para se unirem ao Coletivo CIDA e dar corpo à obra.”

Performance *Nu Escuro*.
Foto: Estefânia Dália

Caminho ou travessia?

*O percurso certo, porém longo,
ou o sinuoso, arriscado, porém curto?*

*Opto pelo risco.
Pelas fronteiras, pelas bordas, pelos
entornos, pelos cruzamentos,
pelos enlaces.*

*Opto pelas vértices.
Quinas, esquinas, atravessaduras,
tessituras, derramamentos, acessos,
memórias, contingências.*

*Opto pela respiração.
Derivas involuntárias, mapeamentos.
As relações para com o espaço.
Territorialização, desterritorialização e
reterritorialização.
A fonte constante de reminiscências.*

*Opto por
um lidar com o invisível que foge e ao
mesmo tempo vai de encontro.*



A Colina se converte em Chernobyl

Me coloco neste momento em um
percurso de revisitação.

Para além de reatruessar, me
proponho à transtravessamentos
diante de um vasto território de
lembranças, águas, dores, amores
e afins.

Redes, tessituras, derramamentos,
acessos, memórias, contingências.

Passos, poesia, respiração. Fogo,
vinho, derivas involuntárias,
mapeamentos.

As relações para com o espaço.

A atmosfera ao qual nos mantivemos
inseridos.

Os processos de territorialização,
desterritorialização e reterritorialização.

A fonte constante de reminiscências.

As fronteiras, as bordas, os entornos,
os cruzamentos, os enlaces.

Um lidar diário com o invisível que foge
e ao mesmo tempo vai de encontro.



Performance *Nu Escuro*.
Fotos: Estefânia Dália

Liquefazer-se

*Rasgar-nos, respirar, secar. Seca.
Silêncio. Silenciar.
A água no chão de um dia chuvoso em
breve vai evaporar.
No fim de mais um dia, o calor ora
sufoca, ora acalma.
Um tom de azul intenso se mistura
com a terra avermelhada.
Poeira profunda em nosso
intimo.*

*Sentimos a temperatura desse azul
esfriar com o chegar da noite.
Sentimos o avermelhado - que sufoca
- esquentar com o passar do dia.
Corpos reveladores de histórias
distintas.
Contos. Sonhos. Lembranças muitas
vezes inventadas.
Palavras não verbais - neutrais.
Palavras em silêncio.
Dores e alegrias.*

Pedaços de si.

ARTISTAS NO CÁRCERE

Os artistas apresentaram seus projetos e processos no evento *Artistas no Cárcere*, onde o público teve a oportunidade de fruir algumas obras, perguntar, pontuar ou compartilhar ideias e experiências com os residentes. O evento foi coordenado e apresentado pela curadora Ana Avelar.



Apresentação de
Claudia Gutiérrez (*acima*).

Apresentação dos artistas
por Ana Avelar.

(*página ao lado*)

Fotos: Estefânia Dália



Performance de René Loui.



Apresentação de Lucas Dupin. Fotos: Estefânia Dália



Performance de Fabián Avila.
Fotos: Estefânia Dália



Apresentação de
Guerreiro do Divino Amor.
Foto: Estefânia Dália





OCA
RESIDÊNCIA
ARTÍSTICA
UNB

Parceria:

Organização
de Estados
Ibero-americanos



Organización
de Estados
Iberoamericanos

Para a Educação,
a Ciência
e a Cultura

Para la Educación,
la Ciencia
y la Cultura

Realização:



UnB | DEX
Diretoria de Difusão Cultural